

SEBASTIÃO ALVES

O COLECIONADOR DE AMNÉSIAS (ROMANCE)

CHIADO EDITORA

APRESENTAÇÃO

Um lapso de memória, um acidente na fábrica... O Eng^o Zeferino não tem dúvidas: só lhe resta demitir-se. Até porque, tem reparado, lapsos destes tendem a ocorrer-lhe. Espaçados, é certo, mas inevitáveis como o pingar de uma torneira avariada... Decide pois reformar-se e realizar o seu sonho de sempre: escrever um romance.

Mas a Ideia não vem e a reforma transforma-se num deserto. Horas, semanas, meses, iguais como grãos de areia... Até ao dia mágico em que, numa tabacaria em Pedrouços, repara num livrinho de absurdos com um título extraordinário: Memórias de um amnésico. E embora sinta que o título lhe foi roubado, ao mesmo tempo já sabe o que vai escrever.

Agora trabalha com método. De manhã escreve o passado, aquilo que lhe aconteceu desde o acidente na fábrica, com que se iniciou aquilo a que chama o resto da sua vida. À noite inventa o futuro, pois sabe que não pode dar-se ao luxo de esperar por ele.



Como filha e cuidadora de uma doente de Alzheimer, revivi e revivi-me, emocionada, em muitas das situações aqui narradas, nestes momentos de ternura, nestes momentos de humor, nestes momentos de tristeza e solidão que fazem o percurso de um homem, desde os tempos em que, embora já atingido pela doença, ainda tinha autonomia... Eis uma forma diferente - e conmovedora - de falar sobre um doente de Alzheimer.

Manuela Morais, Associação Alzheimer Portugal

TRECHOS DO LIVRO

CAPÍTULO 1

(EXCERTO)

O Eng^o Zeferino era um daqueles raros exemplares de homem que, se outra coragem não tem, tem ao menos a de encarar de frente os seus próprios defeitos. Por vezes exagerava-os até, o que o levava a classificar esta sua qualidade, mais como um defeito adicional, do que como uma virtude. Zef somara o episódio do carro perdido a mais dois ou três e andava a matutar.

Os sinais acumulavam-se, espaçados, é certo, mas inevitáveis como o pingar de uma torneira avariada. Era um dia em que andava louco à procura de um documento que alguém assegurava ter-lhe entregue. Era o computador que já não era a primeira vez que encontrava aceso de manhã ao chegar ao trabalho. Era o episódio do carro desaparecido... Mas o pior fora já esta semana, quando tivera que enfrentar meia dúzia de impaciências sentadas à volta de uma grande mesa oval, à sua espera. Tinham acabado de lhe telefonar para o gabinete. Esquecera-se de que a reunião de Segurança, que ele próprio convocara, tinha sido antecipada.

— Eu ando esquecido, mulher?

— Há trinta e nove anos que tu andas aluado, marido — respondeu ela, encantada com o dito. O humor raras vezes lhe acontecia.



CAPÍTULO 9

(EXCERTO)

Nunca gostara de lhe chamar Dádá. Mas ela insistia. Tinha ficado encantada com o nome que a neta lhe dera, ainda não tinha um ano, e fazia questão de que toda a gente a chamasse assim. E o espantoso é que lhe faziam a vontade, perfeitos estranhos, às vezes. Mas Zef não gostava, por vezes esquecia-se, e ela zangava-se. Agora pouco importava. Dália, Dádá, Dália, Dádá... Zef repetia o nome como quem passa a mão pelas roupas dela penduradas num armário, roupas que ele dará para caridade. Nunca mais ela envergará estes nomes...

Para além do nome vazio e das roupas penduradas, Dália deixou a Zef os dias. Apareciam-lhe inflacionados, vazios, silenciosos. Acordava tarde e deixava-se ficar tempos na cama. Tratava da higiene com o máximo vagar. Talvez o seu subconsciente quisesse evitar tentações de ocupar o tempo com a literatura e suas desilusões. Juntava o pequeno-almoço e o almoço num pronto-a-comer novo por detrás do Largo. Dormia uma sesta que era sempre mais curta do que ele teria desejado, sobretudo nos dias longos de Verão. E ia ao seu passeio.

Não só o tempo e o silêncio mudaram de textura: o espaço também. As pernas deixaram de estar sujeitas ao ritmo mole de Dália, às interrupções, esquina a esquina, loja a loja, montra a montra, bom dia vizinho, olá querida, dedo de conversa aqui, dedo de conversa ali. Os passos adquiriram outro ritmo e começaram a levá-lo mais longe. Algés pareceu tornar-se mais pequeno. Passou a fazer longos passeios solitários. De vez em quando ainda punha o carro a trabalhar, mas era apenas para o mudar de sítio no Largo do Cocó de Cão, não fossem rebocá-lo. Ainda pensara vender o carro, mas tinha pena. O certo é que preferia andar a pé. Comprou o passe combinado e era de comboio que ampliava o seu raio de acção. Até Belém, até Caxias, até Cascais.

Quando voltava do passeio, ia quase todos os dias jantar a casa do filho em Miraflores, a cinco minutos a pé de sua casa, e duas vezes por semana dava à neta, agora com treze anos, a sua explicação de física ou de matemática. E às quartas-feiras ia ao cemitério de Oeiras.

Tinha querido sepultar Dália na Ajuda, era vontade dela, que lá tinha a família, mas regras são regras e Augusto, que teria podido vergá-las com as suas influências, não quis. Oeiras, no entanto, estava muito bem, faltavam-lhe as ár-

vores é certo, mas tinha uma vista ampla. Zef tomava o comboio, saía na estação de Oeiras e subia a pé, chovesse ou fizesse sol. Chegava a meio da manhã e tinha o cemitério quase só para si.

Chegado à campa, falava. Muito baixinho, para que os outros mortos não ouvissem, mas falava. Desta vez era ele quem dizia o pouco que tinha para dizer e ela era obrigada a ouvir. Zef tirava um cartãozinho do bolso da camisa e falava-lhe da sua semana. Que tinha visto esta e aquela. Falava-lhe do filho e sobretudo da neta. Era meia dúzia de minutos, mas ficava dito o que ele sabia dizer.

Alturas houve em que lhe pareceu estar mais perto dela do que nunca estivera. Mas era engano. Porque continuava a não conseguir falar-lhe do que importava, dos seus medos, dos seus esquecimentos, do abandono a que as palavras o votavam. E ela, se o ouvia, também não poderia ficar contente, porque ele não lhe contava o enredo da telenovela. E a pouco e pouco nesta falta de comunicação se foram espaçando as visitas, murchando as flores.

Zef entretanto parecia suportar bem a solidão. Nunca ninguém o ouviu queixar-se. Parecia conformado e, da sua natural sisudez nascia sempre um sorriso preparado e sincero. As pessoas que o encontravam em Algés e que nunca lhe haviam ouvido senão bom-dia e boa-tarde, ouviam-no agora comentar o tempo e brincar com a política, num humor subtil que nunca nele haviam detectado.

D. Maria, a empregada que lhes limpava a casa, pessoa discreta e de muita confiança, viu o trabalho diminuir, menos roupa, menos desarrumação, e chegou a propor, com toda a honestidade, que o Sr Eng^o não precisaria dela tantas horas. Quanto a ela, descaiu-se um dia à porteira, o Sr. Eng^o estava mais novo.

— Não admira, a mulher atrofiava-o — comentou a outra.



Dália apareceu-lhe num dia de aguaceiro. Ou melhor, não chegou bem a aparecer. Ouvia-se ao longe o som de um autoclismo e Zef estava à porta à espera, com o guarda-chuva na mão. Havia quase meia hora que ela lhe dissera que tinha que ir à retrosaria. Era sempre assim. Interrompia-lhe o jornal, e informava-o de que tinha que ir não sei onde com absoluta urgência. Zef levantava-se, pousava o jornal e ia buscar o casaco. Depois ia para a porta e ficava à espera.

— Então, Dádá, vou ficar aqui plantado o dia inteiro?..

— É só um minuto... só um minuto...

Foi a voz dela que o acordou. Abriu os olhos e achou muito insólita a cama vazia. A mulher costumava dormir profundamente a noite inteira, sem acordar uma única vez. Olhou para o relógio de cabeceira e viu as horas. Três e meia da manhã...

Estava espantado por não a ter sentido sair da cama. Devia estar mal disposta. Foi ver dela à casa de banho. À cozinha. Onde se teria ela metido? Deu mais uma volta pela casa e chamou. Por fim, e apenas em desespero de causa, foi verificar a porta da rua e teve outra surpresa, pois estava destrancada.

Ora Dália era muito medrosa e nunca deixava a porta destrancada antes de se deitar. Nunca, nunca... A porta no trinco só podia significar uma coisa. Zef vestiu à pressa umas calças, pôs um blusão e saiu à rua a procurá-la. Não que estivesse muito convencido. Eram três e meia, que diacho, que teria Dália ido fazer à rua? Zef correu os quarteirões próximos. Passou pelo velho carocha amarelo, tapado por uma coberta cinzenta, que não o poderia ajudar, pois estava avariado. E tornou a casa. Era uma estupidez procurá-la assim! Se ela tivesse saído não andaria decerto a vaguear por Algés de Baixo... Além disso podia regressar e não o encontrar a ele. Ficaria nervosa.

Passou de novo a casa a pente fino. Não reparou sequer no ridículo quando espreitou para baixo da cama. E sentou-se à beira do telefone, imaginando o guarda de serviço na esquadra a informá-lo estremunhado que esperasse vinte e quatro horas, que devia haver uma explicação qualquer...

Augusto gozava ainda o primeiro sono quando o telefone tocou. Deitara-se às duas da manhã, depois de uma reunião no Partido Popular, e precisava de se levantar às sete e meia, para uma reunião no Banco. No entanto, foi ele quem sonambulou até ao hall, sem precisar de acender a luz, e atendeu. Foi acordando à medida que identificava a voz atarantada do pai a anunciar-lhe que a mãe desaparecera.

— Pai, a mãe morreu há dois meses!...

A linha congelou com dois, três longos segundos de silêncio, de um e do outro lado.

— Pai... Pai?...

— Sim, rapaz, estou aqui... Já me lembro... Já me lembro, filho, deixa lá, deixa lá, desculpa... foi um sonho que eu tive...



O clique do outro lado da linha deixou Zefa braços com o seu velho susto. Estava sentado na borda da cama, meio vestido, o coração acelerado. Dizia a si próprio que não fora nada, que devia despir-se e dormir; mas não tentou sequer. Foi à sala, acendeu a televisão num programa de publicidade qualquer que ainda funcionava àquela hora, mas não se atreveu sequer a sentar-se no sofá. Apesar de não ter sono, tinha medo de adormecer. Medo de adormecer e sonhar de novo e esquecer-se de novo. Tinha sobretudo medo de se esquecer.

Sem desligar a televisão, voltou ao quarto. Abriu a janela e cumprimentou o frio negro. Perdera a mulher e agora tinha a sensação de que começava a perder-se a si próprio. Quando lhe deu o sono, foi à cozinha e encheu um copo de água e ficou a olhar para os ponteiros do relógio. Os ponteiros da memória começam a apagar os números, pensou, sem tentar perceber.

Talvez tenha passado pelas brasas assim, de pé, na hipnose do tique-taque. Pelas seis da manhã, tomou banho, fez a barba e vestiu-se. Preparava-se para tomar o pequeno-almoço, quando teve uma ideia.

Na marquise, onde guardava ferramentas e bricabraque, procurou um cartão com um palmo por dois, pegou num marcador vermelho e escreveu qualquer coisa com letras garrafais dos dois lados do cartão. Com uma chave de fendas, fez dois furos no cartão e passou um cordel pelos furos. Por fim, voltou ao quarto e pendurou o letreiro no candeeiro que ficava sobre a cama, a uma altura suficientemente baixa para ficar ao nível dos seus olhos, quando sentado. Só então ficou mais tranquilo.

Dormiu até à uma da tarde, hora em que a Maria, acabada de chegar e perturbada por vê-lo assim vestido em cima da colcha, o acordou. Ficou aliviada quando ele abriu os olhos, mas depois reparou no letreiro pendurado no candeeiro por cima da cama e ficou chocada. As enormes letras vermelhas diziam apenas:

DÁLIA MORREU.



CAPÍTULO 15

(EXCERTO)

Zef sentou-se na esplanada em Belém, defronte do relvado, de costas para a fiada de casas seiscentistas, hoje em dia ocupadas, porta sim, porta sim, por restaurantes. Era um dos vários poisos em que ia diversificando as horas depois da sesta. O dia estava perfeito. O ar lavadinho pela chuva de ontem, pequenas nuvens brancas, fofas, rápidas, percorriam o céu de um azul profundo. Dava gosto respirar.

Zef desdobrou o Record e pôs-se a ler aquilo que, admitia, não tinha nada que ler. Começava o jornal pelo meio, à procura de alguma curta notícia do seu clube de simpatia, essa escola de sofrimento que é o Belenenses. Entre notícias, fazia longas pausas. Puxava para a testa os óculos de leitura e estendia pelo relvado o olhar um pouco míope. Há meses que prometia a si próprio mandar consertar os óculos bifocais e, no interim, não estava para andar com dois pares de óculos.

Adivinhava. As grandes árvores ao fundo. Um vulto de sexo indefinido no seu jogging vagaroso. Outro no relvado a exercitar a ginástica emperrada dos cinquentões. Mais perto uma jovem mãe com um carrinho de bebé. E por fim as esplanadas quase vazias, três ou quatro clientes solitários, como ele. Preguiçoso, o olhar deteve-se numa senhora sentada a três mesas de distância.

Os olhos conseguiam sugerir-lhe uma mulher elegante, discreta, que ele adivinhou bonita. Pela pose, pelo gesto, pela figura, pela maneira de segurar no livro, uma mulher madura. Teria chá à sua frente. De quando em quando, pegava num objeto que deveria ser um bloco-notas e fazia anotações. Uma leitora cuidadosa, portanto. Talvez uma estudiosa.

Como tivesse vergonha de sacar ele próprio do bloco-notas que trazia para registar qualquer ideia que lhe surgisse, Zef pôs os óculos e puxou dos cartões. Devolveu ao bolso da camisa o cartão-rotina, que era branco, o cartão-agenda, que era creme, e o cartão-informações, que era verde-alface, e anotou num último cartão, cor-de-laranja, um cartão que trazia vazio para urgências, imprevistos, novidades: *“Mulher interessante. Como se chamará?”*.

Zef condescendia em estabelecer um precedente no seu cartãozinho laranja. Aquele cartão não era para guardar memórias supérfluas. Para isso

havia agora um minúsculo bloco-notas, o bloco de escritor em trânsito, mas Zef não se atreveu a usá-lo, pois teve medo que a senhora pensasse que ele estava a troçar dela.

Levantou os óculos e, coçando a vista, deitou mais uma olhadela discreta na direção da outra mesa. Baixou os óculos e escreveu no cartão laranja, a que ele também chamava cartão-pânico:

“Tenho a impressão de já a ter visto aqui. Mas não sei. Verificar!”

O ponto de exclamação era outra inovação. Zef não usava de pontos de exclamação nos seus cartões. A pontuação nunca antes excedera a vírgula, o parêntesis e o ponto final.



E quase sem dar por isso, em vez de se meter no comboio e parar em Caxias, no Estoril ou em Cascais, Zef passou a ir mais vezes a Belém, àquela esplanada frente ao relvado. Nisto, encontrava uma grande vantagem. Podia fazer a pé o caminho de volta a casa e o exercício fazia-lhe bem. Levantava-lhe o moral, dava ao corpo uma sensação de dever cumprido.

Outra coisa que lhe acontecia por estes dias, era abreviar a sesta. Ou não se deitar sequer. Chegava pois bastante cedo ao seu destino, sentava-se e abria o Diário de Notícias ou o Jornal de Letras, que agora substituíam o Record. Então estranhava, porque os óculos que primeiro lhe vinham às mãos eram os de ver ao longe... Enganei-me nos óculos, pensava, mas depois, encontrava os de ler noutra bolso do blusão.

Maquinalmente, ia procurar esclarecimento ao cartãozinho laranja, mas lá encontrava apenas a indicação “Levar óculos de ver ao longe”.

“Mas porque raio quis eu trazer estes óculos. Não faz sentido”

A sua reação era, como sempre, a de um homem metódico. Escrevia no cartão laranja: “Aperfeiçoar o sistema, não sei para que tenho que trazer os óculos de ver televisão. Da próxima vez, explicar.” E acrescentava data e hora.

Porém, se chegando à esplanada deparava já com a misteriosa dama, então esquecia-se do espanto que sentira por trazer os óculos extra e usava-os, simplesmente. Dividia o olhar entre os jogadores da bola e as letras esborratadas do

jornal, deixando uma fraçãozinha, disfarçada, gulosa, para se deliciar com o ar concentrado da senhora que lia o seu livro, que tomava as suas notas, bebericando o seu cházinho. E passou a abdicar completamente de outros destinos para o seu passeio.

Aquela esplanada em Belém passara a ser o seu paradeiro das quatro da tarde. Chegou rapidamente à conclusão de que Lady X, como ele agora lhe chamava, não ia lá todos os dias, mas que havia regularidade nas suas aparições. Muito cientificamente, pois, tratou de desvendar-lhe os hábitos. Não aparecia senão às 3^{as} ou 5^{as} ou 6^{as}. E nem sempre. As probabilidades de ela aparecer foram então estabelecidas com rigor. Eram de 53,3% no global, 25% às 3^{as} feiras, 88% às 5^{as} e 47% às 6^{as}, números apenas significativos para esta época do ano, claro.



Zef talvez já não se lembrasse agora, mas escrevera um dia: *“A álgebra da solidão é muito traiçoeira, cheia de parêntesis e sentimentos elevados a potências imaginárias”*.

Agora, aprisionado em inefáveis parêntesis, começava ele a matutar. Que lady X era fina e que tinha telemóvel... Que tinha amigas... Que se calhar até tinha carro, embora ele nunca o tivesse visto. Talvez até um motorista a viesse buscar, o motorista do marido... Nunca a vira de perto que pudesse olhar-lhe para os dedos. Teria aliança? Alianças?

Quando reparava onde os pensamentos o conduziam, repreendia-se: que tens com isso? Pareces um adolescente. Mas um dia obedeceu a um impulso e seguiu-a muito de longe, quando ela se levantou da esplanada. Era 5^a f^a e às 5^{as} feiras ela costumava sair pontualmente às cinco e vinte, mais cedo portanto que nos outros dias. Zef deixou-a desaparecer detrás da esquina e só então se levantou, o coração aos pulos pela audácia. Chegou à esquina e ela atravessava a rua de Belém na passadeira de peões, com aquele passo leve e firme que ele admirava, não hesitando em fazer parar um autocarro de turismo. Felizmente, nunca olhou para trás. E Zef viu-a percorrer mais duzentos metros, atravessar a rua dos Jerónimos e entrar por uma porta lateral do grande mosteiro, junto à casa mortuária.

Desaparecida ela, Zef foi até lá intrigado, ler a tabuleta. Era o Secretariado Paroquial. “Diacho”, pensou, “porque virá um mulher assim enfiar-se num lugar tão inóspito?” E afastou-se pressuroso, tentando com dificuldade conjugar mais aquela faceta na imagem que ia construindo da sua elegante musa.

Por essas semanas, Zef ia reparando que as probabilidades de lady X aparecer tinham diminuído. Atribuiu ao calor. Com muito calor, a esplanada, mesmo com guarda-sol, tornava-se desagradável. Se a não avistava, Zef ficava contrariado e abreviava a estadia. Tomava um café apressado e volvia a casa. Normalmente, a pé.

Nessas ocasiões, era frequente parar no Centro Cultural de Belém a espiolar livrarias e lojas de arte ou de música. E foi num destes dias que deu por ela a entrar com uma amiga para a cafetaria maior, a que se prolonga numa esplanada sobre a marginal, a linha dos comboios e o Tejo. Tinha acabado de descobrir o poiso alternativo de lady X.

Espreitou-a de longe. É claro que não se atreveu a entrar na cafetaria nem a mostrar-se, nesse dia nem nos outros. Sentava-se à vez, ora num banco de jardim estrategicamente colocado, meio encoberto por um cipreste e duas oliveiras, e do qual podia observar a entrada principal do edifício, ora na esplanada do Museu da Marinha, de onde controlava a entrada lateral. Só quando descobriu que era por aqui que lady X entrava, vinda dos lados do Bom Sucesso, é que ele passou a aventurar-se no CCB, à hora em que sabia que ela estaria a tomar o seu chá.

Entrava e vagueava, evitando apenas a cafetaria. Revia as prateleiras das livrarias, passeava num dos jardins. Contentava-se em sentir presença dela, o magnetismo que dela dimanava, que atravessava paredes e se manifestava num raio de pelo menos cem metros. Aceitava o risco de um encontro casual, e procurava gozá-lo. Afinal, o Centro Cultural é um lugar público, bazofiava consigo, não era de todo anormal que ele o frequentasse também...

E o que tinha de acontecer, aconteceu. Uma ocasião, estava ele numa das livrarias a pagar um livro que escolhera, ouviu uma voz feminina que se lhe dirigia:

– Coincidência, também estava com falta de literatura...

Zef virou-se. O sorriso de lady X era caloroso. Zef esboçou também um sorriso, uma imitação de sorriso que se lhe derretia pelos bordos da boca, enquanto sentia as pernas ganharem a consistência da gelatina. Ela ao menos não se atrapalhou. Como ele não dissesse nada, apontou para o livro que ele acabava de pagar:

– Machado de Assis... – disse num tom de aprovação – é também um dos meus preferidos.

– São contos – gaguejou Zef – ando em maré de preguiça...

E deu espaço para que lady X fosse atendida, sem saber se havia de virar costas e fugir, enquanto ela apresentava os livros e o cartão multibanco, digitava o preço e o código, arrumava o cartão na malinha e recebia um saquinho com a preciosa literatura.

As pernas decidiram por ele. Mesmo que tivesse querido ir-se embora, não teriam obedecido. Quando a senhora se virou e levantou a cabeça, reparou que Zef ainda ali estava, envergonhado como uma estátua que o escultor tivesse deixado nua até à alma.

Ele tinha que se vestir com palavras, dizer qualquer coisa muito depressa...



CAPÍTULO 17

(EXCERTO)

Dirigiram-se lentamente para um grande portão. Vera e João iam de mão dada. Tiveram que esperar por Zef que hesitava, trôpego. Alcançando-os, olhou para a tabuleta de bronze que encimava o portão, enquanto Augusto tocava à campainha. “LAR CRISTO REDENTOR”, leu.

– Quero ir para a minha casa.

– Não pode, pai, não pode... Tem que fazer hemodiálise, já lhe expliquei tanta vez. Tem que ficar aqui. Não pode ficar sozinho em casa à noite. E não tem ninguém para tratar de si. Olga não pode.

– Qual carapuça, não posso... Sinto-me bem! Vou para minha casa! Zef fazia menção de virar costas. Ninguém vinha atender ao portão.

– Onde é que vai, que se perde?

— Para a rua Latino Coelho, em Algés, para onde é que havia de ser?... — mas levou a mão aos bolsos e percebeu que não tinha dinheiro para o taxi. Nem chaves. Começou a vasculhar pelos bolsos todos.

— Querem lá ver que perdi as chaves...

— Não perdeu... deixe lá isso. É que agora não precisa delas.

— E como é que eu entro em casa?

— A sua casa agora é aqui! Aqui onde podem tratar de si.

Zef olhou de novo para a tabuleta por cima do portão.

— Não acredito no que me está a acontecer... E as minhas coisas? As minhas memórias... — murmurava, em estado de choque.

— As suas coisas estão ali, no seu novo quarto, algumas. Outras estão em nossa casa. Depois trazemo-las.

Ouviu-se o tilintar de chaves do outro lado do portão.

— Vou para minha casa!

— Bem disse que era má ideia vir buscá-lo... — disse Glória por sua vez — acho que nunca mais... Só viemos porque a Vera insistiu...

O portão abriu-se. Uma mulher de bata branca fez a sua aparição.

— Não quer entrar... — disse Augusto, sem saber o que fazer.

— Então, Sr. Zef, tem que vir.

— Quero ir para minha casa! — insistiu Zef.

Estava-se naquele impasse, em que ninguém parecia saber o que fazer, quando Vera largou o João e veio pôr o braço em volta dos ombros do avô. Deu-lhe um beijo e molhou-o com uma lágrima.

— Avô, é aqui que vais completar as tuas Memórias, não te lembras? É aqui aquele sítio de que tantas vezes me falaste. Tu quiseste vir, não te lembras?... Dizias que vinhas aqui fazer a última investigação para o teu livro... E é aqui que está tudo, as tuas memórias, os teus rascunhos. Está tudo lá em cima, numa mesinha, junto à janela. Anda, avô, eu vou contigo mostrar-te...

Zef levou automaticamente a mão ao bolso no peito e olhou para a neta. Reparou nas lágrimas que lhe caíam pela face abaixo e algo quebrou dentro dele. Puxou de um lenço, ninguém sabe com que grau de sujidade, e ela deixou que ele lhe limpasse os olhos.

Foi então ele quem pegou na mão de Vera e, ante o olhar da empregada sensata, que sabe quebrar uma regra para resolver airoso um problema, avô e neta subiram os degraus a caminho da grande moradia.